

ESCOLA DE COMANDO

(DESTINADA À PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DE ESTADO MAIOR)

Traduzido da revista "Life" e adaptado
pelo Ten. Cel. PAULO MAC CORD

Em todas as batalhas, a inteligência exerce papel preponderante na obtenção da vitória. Em igualdade de condições materiais e mesmo, até certo ponto, com maior escassez de recursos, leva a palma o exército que sabe combinar a iniciativa audaz com a elaboração meticulosa de seus planos. O cérebro que o dirige é constituído pelo estado-maior, grupo anônimo de oficiais, que assegura a manutenção dos efetivos e os abastecimentos de toda espécie, concatena os elementos informativos referentes ao inimigo e sugere medidas adequadas ao comando, cujas decisões materializa no papel e no terreno.

No Exército dos Estados Unidos, os oficiais de estado-maior, em sua quasi totalidade, preparam-se na Escola de Comando e Estado-Maior General de Forte Leavenworth, Kansas. Presentemente, durante nove laboriosas semanas, ali estudam todo o tempo possível, debruçados sobre mapas, compulsando manuais e destrinchando problemas, nos limites do minucioso programa que até então se realizava em um período de dois anos. Nenhuma outra escola do mundo é, no momento, mais exaustiva. A instrução básica de recrutas e o curso de formação de novos oficiais podem ser considerados *jardins de infância*, por sua relativa brandura, quando comparados a essa universidade de guerra. Depois que um oficial é diplomado, está em condições de assumir responsabilidades que envolvem a segurança de milhares de vidas, a salvaguarda de milhões de toneladas de material e o próprio destino político do mundo. Para

admissão à Escola é seleccionada a fina flor da officialidade. Os alunos devem ter posto gual ou superior ao de capitão e estar servindo, ou escolhidos para servir, nos estados-maiores dos exércitos, corpos de exércitos, divisões, brigadas, regimentos ou batalhões. O estudante mal sucedido no curso tem sua carreira militar seriamente prejudicada.

Foram os conhecimentos de estado-maior postos em prática pelos diplomados de Leavenworth, quando investidos de funções de comando na França, que permitiram as vitórias americanas da Primeira Grande Guerra. Analogamente, o êxito ou o insucesso da Segunda Grande Guerra está na dependência final dos militares que hoje frequentam a Escola de Comando e Estado-Maior General. As lições que recebem no presente momento revestem-se de cunho sintomático da vontade de vencer: os temas de defensiva foram relegados para segundo plano e todo o esforço é absorvido no estudo dos elementos reais do ataque.

O curso é orientado no sentido de tornar os oficiais aptos a dirigirem uma das quatro secções de estado-maior.

Cada secção tem encargos determinados. A primeira, G-1, trata do pessoal: completamento dos efetivos, registro das alterações, sobrevigilância da hygiene e da conduta da tropa, guarda dos prisioneiros. A segunda, G-2, de informações, colhe, coordena e distribue os dados referentes ao inimigo. A terceira, G-3, elabora os planos de operações e redige as ordens consequentes, dentro da idéia de manobra. A quarta, G-4, requisita, armazena e fornece as provisões, organiza os transportes, dirige o tráfego, zela pelos feridos e faz sepultar os mortos.

Durante os seis primeiros meses de aulas, em Leavenworth, os assuntos de todas as secções estudam-se em comum. Findo esse prazo, passam os alunos a especializar-se nos de cada uma delas. Quaisquer considerações de ordem teórica são sempre postas de lado. Realizam individualmente um trabalho completo por dia, acompanhado de mapas, planos de operações e quadros de organização. Um exemplo simplificado das atividades de cada Secção, no estudo de determinado tema, é descrito nas linhas seguintes.

Primeira Secção (Figura 1).

A operosidade do oficial desta Secção está intimamente relacionada com o pessoal da 1.^a Divisão. Por isso, quando o comando decide atacar, todas as providências são tomadas para que os homens das unidades escaladas para o avanço alcancem os pontos de destino à hora exata. No barulho e confusão da batalha, muitos soldados erram o itinerário e têm de ser reconduzidos a seus lugares. São os "extraviados". Um pouco atrás da linha de frente é designada uma estrada, ao longo da qual patrulhas da polícia militar encarregam-se de reuni-los e encaminhá-los novamente para o "front".

Em seguida é convencionado o local para onde devem ser remetidos os prisioneiros de guerra durante a progressão do ataque. E' também delimitada a área para o cemitério da Divisão, no qual se organizará um obituário. Após o ataque, a Secção relacionará as baixas, remeterá ao Quartel General do Exército as propostas de recompensas e citações, inspecionará as condições sanitárias do local do novo estacionamento, distribuirá a correspondência, concederá licenças e fará vir da retaguarda tropas frescas para preencherem os claros. O oficial apresentará, finalmente, ao seu general, um relatório sobre o estado dos efetivos.

Releva não esquecer que os mapas constantes das figuras são reproduções simplificadas dos originais em poder dos oficiais alunos, os quais, muito mais completos, mostram o terreno da área de batalha com assinaladas minúcias.

Segunda Secção (Figura 2).

Nesta Secção, o oficial está empenhado em conhecer o potencial destruidor do inimigo e desvendar seus propósitos, surpreendendo-o pela observação, já quando marcha, já quando se desloca. Para tanto, examina detidamente as fotografias aéreas de suas organizações defensivas, ouve os espiões e refugiados que tenham estado em seu território e expede turmas de reconhecimento além das linhas avançadas, em busca de novas

admissão à Escola é seleccionada a fina flor da officialidade. Os alunos devem ter posto gual ou superior ao de capitão e estar servindo, ou escolhidos para servir, nos estados-maiores dos exércitos, corpos de exércitos, divisões, brigadas, regimentos ou batalhões. O estudante mal sucedido no curso tem sua carreira militar seriamente prejudicada.

Foram os conhecimentos de estado-maior postos em prática pelos diplomados de Leavenworth, quando investidos de funções de comando na França, que permitiram as vitórias americanas da Primeira Grande Guerra. Analogamente, o êxito ou o insucesso da Segunda Grande Guerra está na dependência final dos militares que hoje frequentam a Escola de Comando e Estado-Maior General. As lições que recebem no presente momento revestem-se de cunho sintomático da vontade de vencer: os temas de defensiva foram relegados para segundo plano e todo o esforço é absorvido no estudo dos elementos reais do ataque.

O curso é orientado no sentido de tornar os officiaes aptos a dirigirem uma das quatro secções de estado-maior.

Cada secção tem encargos determinados. A primeira, G-1, trata do pessoal: completamento dos efetivos, registro das alterações, sobrevigilância da hygiene e da conduta da tropa, guarda dos prisioneiros. A segunda, G-2, de informações, colhe, coordena e distribue os dados referentes ao inimigo. A terceira, G-3, elabora os planos de operações e redige as ordens consequentes, dentro da idéia de manobra. A quarta, G-4, requisita, armazena e fornece as provisões, organiza os transportes, dirige o tráfego, zela pelos feridos e faz sepultar os mortos.

Durante os seis primeiros meses de aulas, em Leavenworth, os assuntos de todas as secções estudam-se em comum. Findo esse prazo, passam os alunos a especializar-se nos de cada uma delas. Quaisquer considerações de ordem teórica são sempre postas de lado. Realizam individualmente um trabalho completo por dia, acompanhado de mapas, planos de operações e quadros de organização. Um exemplo simplificado das atividades de cada Secção, no estudo de determinado tema, é descrito nas linhas seguintes.

Primeira Secção (Figura 1).

A operosidade do oficial desta Secção está intimamente relacionada com o pessoal da 1.^a Divisão. Por isso, quando o comando decide atacar, todas as providências são tomadas para que os homens das unidades escaladas para o avanço alcancem os pontos de destino à hora exata. No barulho e confusão da batalha, muitos soldados erram o itinerário e têm de ser reconduzidos a seus lugares. São os “extraviados”. Um pouco atrás da linha de frente é designada uma estrada, ao longo da qual patrulhas da polícia militar encarregam-se de reuni-los e encaminhá-los novamente para o “front”.

Em seguida é convencionado o local para onde devem ser remetidos os prisioneiros de guerra durante a progressão do ataque. E' também delimitada a área para o cemitério da Divisão, no qual se organizará um obituário. Após o ataque, a Secção relacionará as baixas, remeterá ao Quartel General do Exército as propostas de recompensas e citações, inspecionará as condições sanitárias do local do novo estacionamento, distribuirá a correspondência, concederá licenças e fará vir da retaguarda tropas frescas para preencherem os claros. O oficial apresentará, finalmente, ao seu general, um relatório sobre o estado dos efetivos.

Releva não esquecer que os mapas constantes das figuras são reproduções simplificadas dos originais em poder dos oficiais alunos, os quais, muito mais completos, mostram o terreno da área de batalha com assinaladas minúcias.

Segunda Secção (Figura 2).

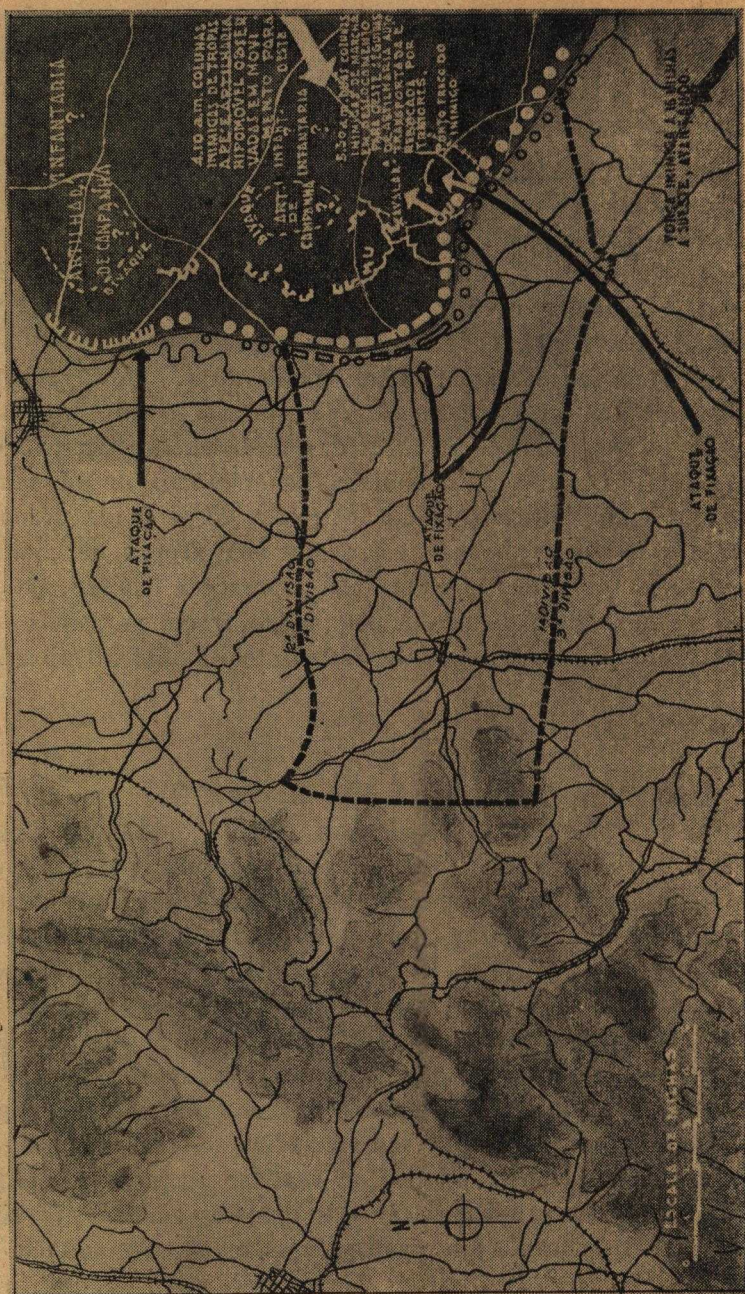
Nesta Secção, o oficial está empenhado em conhecer o potencial destruidor do inimigo e desvendar seus propósitos, surpreendendo-o pela observação, já quando marcha, já quando se desloca. Para tanto, examina detidamente as fotografias aéreas de suas organizações defensivas, ouve os espiões e refugiados que tenham estado em seu território e expede turmas de reconhecimento além das linhas avançadas, em busca de novas

informações. Depois de apreender tudo o que é possível a respeito do adversário, elabora mapas elucidativos que junta ao seu relatório, base do plano de ataque da Divisão.

No mapa da figura 2 foram representados os movimentos inimigos além da linha de frente. Acha-se, também, indicada a natureza das tropas dispostas ao longo da referida linha. Os círculos representam a cavalaria, os retângulos — a infantaria, as linhas cheias irregulares — as posições fortificadas. Os pontos de interrogação significam incerteza a respeito do efetivo da tropa existente em determinada área. A descoberta mais importante feita pela Secção consiste não só em um grande bivaque de tropas inimigas, atrás das posições fortificadas, em frente da 1.^a Divisão, mas, também, na existência de um ponto fraco nas linhas do adversário. Através desse ponto fraco o general comandante decide atacar com suas tropas de choque, enquanto as restantes empreendem operações frontais, de fixação. Depois de penetrarem pelo ponto fraco, as tropas móveis manobrarão no sentido de destruir o inimigo no bivaque.

Terceira Secção (Figura 3).

O papel deste ramo do Estado-Maior é fazer executar as decisões do comando. Proferida essa decisão, que tem por base o relatório da Segunda Secção e é sugerida pelo próprio Estado-Maior, a Terceira Secção encarrega-se de fixar, dentro de certos limites, os pormenores dela decorrentes, transmitindo-os aos diversos escalões por meio de planos e ordens. Determina o deslocamento das unidades para as novas posições, de acordo com a situação em que se acham, com os efetivos que possuem na ocasião e levando em conta o estado do material e da tropa. Concentra forças móveis nas proximidades do ponto fraco inimigo e distribue a infantaria em toda a extensão da linha de frente, com o objetivo de realizar ataques destinados a fixá-lo. Ordena a instalação dos quartéis-generais na vizinhança das unidades. Em prosseguimento, entende-se com as Terceiras Secções das Divisões confinantes, para se certificar de que os planos destas não colidem com o seu. Quando tudo



so estiver realizado, poderá admitir que a grande unidade apresenta o máximo de condições favoráveis para se engajar no ataque.

Mas a Terceira Secção deve estar em condições de enfrentar todas as contingências. O Serviço de Informações (segunda Secção) informou-a de que uma coluna mecanizada inimiga avança de sueste, ameaçando surgir no seu flanco durante a operação. Por isso, manda construir obstáculos para tanques em todos os pontos perigosos e coloca um regimento blindado em posição favorável a realizar um possível contra-ataque. Atrás dos obstáculos deixa um batalhão de engenhos anti-carros, com canhões automores, afim de deter os tanques e diversários que porventura se infiltrem. Mais à retaguarda, faz estacionar as tropas encarregadas da guerra química, com as lança-chamas. A 1.^a Divisão, pode, agora, atacar com segurança.

Quarta Secção (Figura 4).

Todos os percalços dos abastecimentos recaem sobre a Quarta Secção. O oficial que a chefia deve prever o completo fornecimento de água, alimento, material, munição, medicamentos e transportes necessários à tropa. E' informado da hora do ataque e do local em que o mesmo terá lugar, ficando então sob sua inteira responsabilidade a execução das medidas que assegurem o recebimento pelos corpos de tudo que se lhes faça mister, a tempo e a hora.

Primeiramente, entra em contacto com o Centro de Distribuição do Exército, muito à retaguarda, núcleo de abastecimento para todas as divisões. Certifica-se de que êsse Centro tem abundância de alimentos, combustíveis e munições e informa-o das suas prováveis necessidades. Em seguida, instala estações distribuidoras dentro do seu próprio setor, as quais devem deslocar-se durante o ataque, afim de se conservarem junto às unidades, utilizando-se, para isso, de caminhões. Outra atribuição sua é abrigar e remover os feridos e inumar os mortos, todos provenientes das estações de recolhimento

por êle localizadas perto do "front". O contrôlê de todos os veículos também lhe é atribuído, havendo necessidade de ser cuidadosamente regulados os enredosos sistemas de tráfego, sob pena de ficar de muito reduzido o rendimento que devem oferecer. Ainda: quando o ataque está quasi terminado, cabe-lhe promover a remessa para a frente das unidades de recuperação e de trabalhadores, com o encargo de consertar o material danificado, recolher o que estiver inutilizado e preparar as estradas para novo avanço da grande unidade.

Trabalho no campo.

Nem todos os temas da Escola de Comando e Estado-Maior General são resolvidos em sala. Pelo fato de ser a eficiência de cada Secção resultante, também, da identificação rápida e segura, do terreno e do conveniente aproveitamento dos seus acidentes, a Escola muitas vezes se desloca para as colinas das circunvizinhanças, na faina da realização de exercícios. A Primeira Secção estuda as estradas a serem patrulhadas com o objetivo de colher os extraviados das unidades da frente. Escolhe as melhores posições para cemitérios e postos de recebimento de prisioneiros de guerra. A Segunda Secção reconhece o inimigo figurado. A Terceira dispõe simbolicamente as forças para o ataque. A Quarta examina as ferrovias e as linhas de abastecimento.

Os trabalhos de campo são de importância vital para o completo treinamento dos oficiais de estado-maior. As batalhas são vencidas mediante a conquista continuada das elevações, cursos d'água e estradas. Em dia próximo, os oficiais que agora se encontram movimentando homens e combóios imaginários, sôbre uma paisagem do Kansas, ver-se-ão à testa de fatores concretos nos territórios da China, Rússia ou Europa Central. Será então muito tarde para cometerem desacertos.

Estudos complementares.

Na última fase do curso, os alunos são grupados em estados-maiores hipotéticos, onde concentram o cabedal adqui-

rido na realização conjunta de temas destinados a aferir o seu grau de aproveitamento. Postos ao corrente das últimas ocorrências militares na China, Rússia e Egito, facultá-se-lhes, simultaneamente, a leitura dos relatórios confidenciais dos adidos militares e das melhores obras sobre a arte da guerra existentes no país.

Biblioteca de "A Defesa Nacional"

Livros à venda :

Caderneta do Capitão de Infantaria	Cr\$ 13,00
Cinálização a Braço e Ótica — Cel. Lima Figueiredo. . .	Cr\$ 3,00
Coletânea de Leis e Decs., 1544-1938 — Maj. Bento Lisboa	Cr\$ 13,00
Combate e Serviço em Campanha — Cel. Araripe	Cr\$ 13,00
Contribuição para a História da Guerra entre o Brasil e B. Aires — Trad. Gen. Bertoldo Klinger.	Cr\$ 13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da S. Filho	Cr\$ 27,00
Curso de Topografia Militar — Cap. Olívio Gondin de Uzeda	Cr\$ 27,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	Cr\$ 7,50
Ensaio sobre Instrução Militar — Trad. Cap. J. Horácio Garcia	Cr\$ 13,06
Escola de Pelotão — Cel. Araripe.	Cr\$ 13,00
Equitação em Diagonal — Major Oswaldo Rocha	Cr\$ 13,00
Exemplo de Sessões de Estudo de Elemento — Cap. José J. Ramos	Cr\$ 3,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. M. N. Assumpção	Cr\$ 11,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos..	Cr\$ 3,00
Educação Física Militar — Major Guttenberg Ayres de Miranda	Cr\$ 10,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota . . .	Cr\$ 8,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolívar Teixeira	Cr\$ 17,00
Exercício de Combate de Companhia — Major Alcebiades Tamoyo	Cr\$ 18,00
Fichário para Instrução de Educação Física — Cap. Jair Jordão Ramos	Cr\$ 16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	Cr\$ 5,00
Formulário Processual — Major Niso Viana Montezuma..	Cr\$ 7,00
Guia para Instrução Militar — Major Ruy Santiago . . .	Cr\$ 17,00
Guerra da Secessão — Ten.-Cel. Arthur Carnauba . . .	Cr\$ 5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	Cr\$ 13,00
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	Cr\$ 13,00
Indicador Paranhos até 1935	Cr\$ 13,06
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas	Cr\$ 5,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Maga- lhães	Cr\$ 3,00
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	Cr\$ 11,00